

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JANEIRO 2018)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas) constata-se, em **janeiro de 2018**, uma produção de 209 886 tons, contra 193 210 tons de janeiro de 2017, uma subida, de 8.6%, face ao mês homólogo do ano anterior, o que acontece pelo nono mês consecutivo, impulsionado, tal como nos meses anteriores, ao longo do ano que finalizou, pelos incrementos nos bovinos e outros animais.

De registar ainda que a produção de 209 886 tons, com uma amostra que tem as mesmas empresas desde há 3 anos, representa o valor mensal mais elevado, pelo menos desde 2016, sendo comparável aos 209 144 tons de novembro de 2017.

Para esta conjuntura, em alta, contribuíram todas as espécies animais, sendo de saudar a tendência dos suínos que, esperemos, seja invertida em 2018: 5.5% nas aves (frangos e ovos), 16.4% nos bovinos (leite e carne), 4.5% nos suínos e outros animais (22.5%). É evidente que a seca tem vindo a pressionar o mercado e a procura, sobretudo nos segmentos dos ruminantes, incluindo os ovinos e caprinos, mas igualmente os petfood, com alguma quota de exportação para Espanha, que também vive uma situação de seca extrema em algumas regiões.

No entanto, tal como referimos no mês anterior, no fecho do ano, esta situação não significa que o mercado esteja em alta em termos da sua rentabilidade e que o Setor se encontre numa conjuntura confortável. É sabido que os produtores estão descapitalizados, as medidas de apoio para a mitigação da seca são insuficientes e em muitas regiões, se nada for feito, tenderá a haver abandono e perda de efetivos. Por outro lado, temos ainda os estrangulamentos do costume, para o qual vamos tentando encontrar respostas, em Portugal, ou no quadro europeu, seja a montante, ao nível do aprovisionamento de matérias-primas, em qualidade e disponibilidades (a questão dos stocks é muito relevante), seja a jusante, nas explorações pecuárias e na relação com a grande distribuição, no funcionamento da cadeia alimentar.

No âmbito da PARCA, as organizações representativas estão a tentar definir melhores práticas contratuais e de relacionamento, e de Bruxelas vem a promessa de propostas legislativas nos próximos meses (abril/maio) sobre as práticas comerciais desleais que, para já, ao que parece, os representantes da distribuição alimentar contestam e não aceitam. Aparentemente, a DG AGRI avançou “contra tudo e todos”, ou pelo menos tomando a dianteira na Agenda, com o apoio do Parlamento Europeu e a pouca adesão da DG Concorrência ou do comércio. Certo é que as grandes cadeias de distribuição não têm sensibilidade para os problemas dos produtores (fornecedores), ou para o facto de que estas novas tendências do consumo – perfeitamente legítimas – terem custos acrescidos que têm de ser remunerados ao longo da Fileira. Temos ainda um dossier da maior importância, a revisão da PAC pós-2020 e a disponibilidade de matérias-primas, sobretudo de proteína, consubstanciada num instrumento de política que é o Plano Europeu de Proteína, lançado e anunciado nas suas linhas gerais no Conselho Agrícola 19 de fevereiro pelo Comissário da Agricultura.

No entanto, também se especula sobre o Orçamento para o período 2021/27, e de quebras que podem ir até 20 a 30%, mas que muitos defendem que seria ótimo reduções até 10%. As prioridades da União Europeia, mais do que a Agricultura, prendem-se hoje com as políticas de segurança e defesa, ou as migrações e os refugiados, até para conter os populismos que despontam um pouco por toda a Europa. E veremos se as eleições que vão ter lugar em Itália neste fim-de-semana não poderão acrescentar ainda maiores preocupações às que já são provenientes de Leste.

Sem falar da política protecionista dos EUA e das respostas da União Europeia àquele que é o seu maior parceiro comercial.

Tudo isto numa altura em que se discute a necessidade de aumentar o contributo dos Estados-membros para mitigar o impacto do Brexit e manter, com ambição, os objetivos da PAC e dos Fundos de Coesão. Para Portugal, ainda que se mantivesse o orçamento anterior, as dificuldades já seriam enormes. Quebras de 10% nos apoios, sem convergência, seria condenar a nossa agricultura, a pecuária e todo o agroalimentar. Até porque, não o podemos esquecer, a Política Agrícola, é também hoje agricultura, alimentação, nutrição, ambiente, segurança alimentar e bem-estar animal. Mas também soberania e autonomia. E as notícias de que poderemos ter mais um record da área mais reduzida de cereais de que temos registo e de produções em mínimos históricos, não são propriamente animadoras...

Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Janeiro 2017	Janeiro 2018	Varição (%)
AVES	97 245	102 586	5.5
BOVINOS	41 566	48 381	16.4
SUINOS	42 802	44 719	4.5
OUTROS	11 597	14 200	22.5
TOTAL	193 210	209 886	8.6

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2016	2017	2018	VAR % 2018/17
JANEIRO	177 309	193 210	209 886	8.6
FEVEREIRO	177 524	171 577		
MARÇO	198 431	208 306		
ABRIL	184 805	180 973		
MAIO	189 448	203 042		
JUNHO	190 945	193 879		
JULHO	184 806	194 496		
AGOSTO	199 259	204 501		
SETEMBRO	196 772	198 101		
OUTUBRO	199 257	205 189		
NOVEMBRO	196 960	209 144		
DEZEMBRO	188 594	200 230		
TOTAL	2 284 110	2 362 648	209 886	8.6

Regressando ao nosso mercado, considerando as empresas que integram a base de monitorização mensal, neste início de 2018, são 17 (11 em dezembro) as que melhoraram ou estabilizaram a produção face ao ano passado, representando 80.4% de quota de mercado, contra os 78.0% de 2016, o que significa um relativo aumento na concentração

da atividade, como se tem vindo a sentir nos últimos anos Embora seja ainda muito prematuro fazer quaisquer tipos de análises, poderemos estar na presença de mais um ano em que o chamado **“mercado livre”** se pode assumir novamente. Quanto á resiliência, ela continuará certamente. Para já, em janeiro, este mercado registou um crescimento de 13.0% (mais cerca de 9 000 tons), contra a média global de 8.6%, comprovando que foram de facto os “subsetores do mercado livre” ou os que a ele normalmente associamos (bovinos e outros animais) os grandes motores do mercado dos alimentos compostos. De registar que o peso deste segmento se situou em 37.2% contra os 35.8% de 2017, sendo de esperar que a tendência se mantenha nos próximos meses.

Quadro 3 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018	2017	2018
JANEIRO	97	103	42	48	43	45	12	14
FEVEREIRO	88		36		37		10	
MARÇO	108		43		45		13	
ABRIL	97		36		39		10	
MAIO	106		41		44		12	
JUNHO	100		41		42		11	
JULHO	102		41		41		10	
AGOSTO	104		46		44		10	
SETEMBRO	100		44		44		10	
OUTUBRO	101		47		47		10	
NOVEMBRO	100		49		48		12	
DEZEMBRO	96		47		44		13	
TOTAL	1 199	103	513	48	518	45	133	14

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

No que respeita aos mercados dos **produtos animais**, nos **produtos avícolas**, o frango tem registado uma relativa estabilidade, tal como os ovos e o peru. No **leite**, denotam-se preocupações com a seca e os preços, ainda abaixo dos custos de produção para muitas explorações. Ao nível dos **bovinos de carne**, a Bolsa de 2 de março, depois de uma conjuntura em alta, registou uma tendência de quebra nos novilhos e novilhas (para os 4,12 e 4,15 €/kg carcaça, respetivamente), mantendo-se as vitelas e vacas. Nos **suínos**, as cotações semanais têm registado uma tendência de subida (alguma estabilidade nos leitões) na generalidade dos países europeus (exceção da Dinamarca, em queda) no que tem sido acompanhado pelos preços em Portugal, confirmada pelas cotações da Bolsa de 1 de março. Alemanha, Espanha e Holanda têm maiores aumentos, entre 3 a 4%, o que não deixam de ser boas notícias. Há, no entanto, que continuar atentos e vigilantes aos problemas de Peste Suína Africana, sobretudo no Leste, e continuar a apostar na exportação, apesar da quebra global de 2017. A próxima visita à China da delegação europeia, para o SIAL, é uma excelente oportunidade. Saúdem-se igualmente as alterações no Porco.pt, procurando ir ao encontro das necessidades dos consumidores. Dos mercados das principais matérias-primas, alguma tendência altista, nos cereais e sobretudo nas oleaginosas. Bagaços de soja e colza em alta, previsível. Face a estas tendências, temos de valorizar, numa ótica de Fileira e Qualidade, os produtos animais de origem nacional.